

Thriller político de José Padilha chega à streamingsfera

PÁGINA 3



Filha de Jovelina, Cassiana celebra 20 anos de estrada

PÁGINA 4



Livro póstumo traz reflexões de mestre do terror brasileiro

PÁGINA 6



## 2º CADERNO



Morango e Chocolate



De Certa Maneira

# Tesouros cinéfilos da Ilha

Cults cubanos serão exibidos até 3 de agosto em mostra na Caixa Cultural

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sintomas poéticos de uma época em que revoluções eram pontos de partida para a construção de um Amanhã justo, “Memórias do Subdesenvolvimento” (1968), “De Certa Maneira” (1974) e “Morango e Chocolate” (1995) servirão de máquina do tempo à cinefilia carioca que quiser entender como Cuba se sonhou uma nação forte, e viva, pelos fil-

tros libertários do audiovisual.

Tais cults integram a mostra “Filmes Cubanos Restaurados”, já em curso, no Centro do Rio, na Caixa Cultural, graças ao empenho curatorial de um jovem dinamo da não ficção e sua mestra. Ele, Gregory Baltz, está a filmar um .doc sobre ela, Silvia Oroz, professora e autora de ensaios seminais sobre o melodrama hispânico, que nasceu da Argentina e saiu de lá para escapar das repressões ditatoriais dos portenhos. Juntos, fizeram



Memórias do Subdesenvolvimento

uma retrospectiva seminal. Até o dia 3 de agosto, serão exibidos pela Caixa 15 filmes, divididos entre 8 longas-metragens e 7 curta.

Diretor de .docs elogiados pela crítica como “Carta Para Glauber” (2022), “As Constituintes de 88” (2019) e “Ouro Para o Bem do Brasil” (2020), Baltz é visto hoje como uma das principais promessas de invenção no documentário brasileiro, por seu interesse pelo legado político do país dos

anos 1960 até hoje. “O cinema é o meu meio de comunicação para falar de temas que me interessam como artista. Eu não sou historiador, sociólogo ou antropólogo e nem quero estar nesse lugar, mas quero poder contribuir de alguma forma para pensar a nação”, diz o cineasta.

Na página seguinte, Baltz leva o Correio da Manhã para Havana e fala com encanto de Oroz.

Divulgação

Divulgação

ENTREVISTA / GREGORY BALTZ, CINEASTA

# ‘O imperialismo acaba se tornando dono dos filmes’

Rogerio Resende/R2Foto

**Qual foi o maior desafio para reunir esses filmes?**

**Gregory Baltz:** Eu e a Silvia Oroz, como curadores, tivemos limitações em relação aos filmes possíveis de serem selecionados. Uma coisa que ficou clara é que o embargo dos EUA a Cuba afeta não somente a vida cotidiana, como também afeta diretamente a relação do povo cubano com outros países do mundo e, no caso do Brasil, a nossa mostra. Acho que estamos em um momento histórico em que está sendo realizada a restauração de filmes para as novas gerações, em qualidade mais próxima do que seria a película. Mas o que esse fato nos mostra, também, é que, indiretamente, o imperialismo/colonialismo acaba se tornando dono dos filmes, porque, como eles têm o poder financeiro, também são os responsáveis por esses processos de restauro. Ainda assim, a Cinemateca de Cuba consegue, dentro das limitações existentes, proteger o seu patrimônio audiovisual. Também fica claro que, se no próprio Brasil a transição para o digital ainda não é perfeita, para Cuba é ainda mais complicada e dificultosa.

**De que maneira Silvia Oroz ilumina essa mostra e o que ela traz de mais potente para o cinema das Américas?**

Eu e Silvia criamos essa mostra ano passado, quando estivemos em Cuba e nos encontramos com Luciano Castillo, diretor da Cinemateca de lá. A gente conversou um pouco sobre o cinema cubano, e Luciano nos contou sobre o trabalho que a instituição vem realizando, nos últimos anos, para preservar sua memória. Nesse caso, entendemos preservação também como difusão. Não faz sentido os filmes estarem bem guardados se a população não pode ter acesso; daí surgiu a ideia da mostra. No meio do nosso diálogo, Luciano lembrou um seminário que Silvia realizou, nos anos 1980, em Cuba. Para ele, esse evento foi o marco de integração do cinema pré-revolucionário à historiografia cuba-



“Estamos em uma batalha agora no Congresso para a regulação dos streamings e numa discussão sobre a autoria das obras realizadas nesse contexto”

na. Quando houve a Revolução Russa, não se tentou apagar a história do cinema czarista, mas, em Cuba, foi diferente. O trabalho da Silvia passa por diferentes países da América Latina, como o livro “Melodrama: O cinema de lágrimas da América Latina”, adaptado para as telas pelo Nelson Pereira dos Santos, nos anos 1990. É o primeiro livro a construir uma unidade sobre o cinema latino-americano. No Brasil, Silvia tem um livro sobre o Cacá Diegues; no México, seu livro do melodrama é uma referência; na Argentina, seu

país natal, ela foi a primeira diretora da cidade de La Plata; e, em Cuba, além de tudo que já falei, ela também tem um livro importante sobre o cinema de Tomás Gutiérrez Alea. Para além da curadoria da mostra que está sendo realizada, Silvia é parte da história do cinema latino-americano.

**O cinema que você faz como diretor transpira política. Que projetos de governo, de Poder, de democracia instigam a sua obra como cineasta?**

Estamos em uma batalha agora no Congresso para a regulação dos streamings e numa discussão sobre a autoria das obras realizadas nesse contexto. Esse conflito só nos mostra como é essencial o financiamento do Estado para o cinema, onde os realizadores podem ter total autonomia sobre seus filmes, ainda que não seja perfeito. Meu cinema está diretamente ligado à memória, com projetos que dificilmente seriam financiados por empresas privadas, porque são projetos com características próprias, sobre temas de importância nacional, e não de caráter massivo. Não há um projeto de governo, atualmente, para filmes de grandes minorias, como dizia Román Gubern. O cinema no Brasil, hoje em dia, segue a mesma lógica dos tempos áureos da Embrafilme, onde a democracia não é o seu objetivo central. O fato de não existir, hoje, no fomento federal, uma análise de projetos às cegas, uma política voltada para novos realizadores e um projeto de regionalização que compreenda a especificidade de cada área só demonstra a pouca capacidade de pensar o Brasil em um projeto a longo prazo. Por essas e outras, estamos patinando na regulação do streaming.

**Quais são seus próximos projetos como diretor?**

Neste momento, estou finalizando dois filmes. O primeiro é um curta-metragem que dirigi com meu amigo Kaio Caiazzo sobre o filme “Inocência” (1983), de Walter Lima Jr. No curta, falamos sobre as outras duas adaptações que foram realizadas para o cinema do livro homônimo de Visconde de Taunay: uma de 1915, de Vittorio Capellaro, e outra de 1949, de Luiz de Barros. Além disso, Humberto Mauro e Lima Barreto também desejaram adaptar o livro. Nosso filme é todo contado a partir das memórias do Walter. O segundo filme é um longa-metragem sobre a minha parceira de curadoria na mostra de Filmes Cubanos Restaurados, Silvia Oroz. No ano passado, filmamos em Cuba, no México, na Argentina e no Brasil. Conversamos com nomes como Cacá Diegues (Brasil), Guilherme de Almeida Prado (Brasil), Ivan Trujillo (México), Júlia Túñon Pablos (México), Nora Mazziotti (Argentina), Reynaldo González (Cuba), entre outros. O filme é sobre o trabalho da Silvia, mas acaba também sendo o retrato de uma geração que lutou pela ideia de ser latino-americana. É importante salientar que esse filme só foi possível pelo financiamento estatal, a partir de um edital de Novos Realizadores do FSA/Ancine.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**nvolvido num curso de direção online para a Casa Folha, o realizador carioca José Padilha tem atraído o olhar curioso da indústria audiovisual para a URL [americancancerstory.com/](http://americancancerstory.com/), onde é possível encontrar seu filme mais recente. O curta-metragem “American Cancer Story” fala sobre conscientização em relação ao armamento nos EUA. Fazia tempo que nada inédito dele circulava entre os fãs que angariou, há 18 anos com “Tropa de Elite”, o ganhador do Urso de Ouro da Berlinale 2008.

O projeto de um seriado para a Globo sobre a morte de Marielle Franco, em 2018, fez parte das atividades do diretor e produtor depois de sua polêmica investida na Netflix com “O Mecanismo”, na grade dessa plataforma digital há sete anos. Filme, o suporte artístico que fez dele uma promessa, lá em 2002, com “Ônibus 174”, é algo que ele não lança faz tempo. O último, “7 Dias Em Entebbe”, lançado na Berlinale, também sete anos atrás, ganha novos holofotes agora, em meio a conflitos em Israel. Sua inclusão em streamings, na Max e na Diamond Films +, dão um novo gás a um ato de ousadia de Padilha. É um trabalho de maturidade.

No tabuleiro da estética, no qual moveu casas ligadas à Segurança Pública no Rio, Padilha avança 20 casas, na rota do amadurecimento como diretor, com “7 dias em Entebbe”, um thriller político sobre causa e consequência na prática de ideologias. Desde o documentário que o revelou, o “Ônibus 174” (na grade da Prime Video da Amazon), sua linha autoral é a mesma, e sempre foucaultiana: analisar os dispositivos que vigiam e punem a sociedade sobre múltiplos pontos de vista, para a construção de uma dialética na qual há sempre um cordeiro a ser imolado em nome da fé na ordem. Era assim com a inocência dos “aspiras” do “Tropa de Elite” original, de 2007. Era assim com a carne do



# Thriller de ELITE

Criador do Capitão Nascimento, José Padilha mobiliza a rede, em streamings e site, com curta e com a presença de ‘7 Dias Em Entebbe’ em plataformas digitais

policial do futuro transformado em homem de lata no subestímulo “RoboCop” (2014). Foi assim com a crença na lei do policial Ruffo (Selton Mello) em “O mecanismo”. É assim em “Entebbe” a se julgar pela inquietude dos personagens ligados ao sequestro de um avião da Air France, em 1976, com tripulantes de Israel.

Crises de consciência no cumprimento do dever são o sintoma essencial dos protagonistas de Padilha, a julgar pelo Capitão Nasci-

mento, que fez de Wagner Moura um titã. Por isso, elas transbordam aqui - nesta produção de CEP anglo-americano, com custo estimado em US\$ 3,9 milhões – tanto nos envolvidos no sequestro quanto nas forças de retaliação a esse crime. Existe tensão (o conflito da responsabilidade civil) do lado do primeiro-ministro Yitzhak Rabin (papel dado a Lior Ashkenazi) e do lado dos extremistas (classificados como terroristas) alemães vividos com maestria plena por

*Daniel Brühl é um dos terroristas de ‘7 Dias em Entebbe’, thriller da maturidade na filmografia de José Padilha*



Divulgação

Rosamund Pike e Daniel Brühl (especialmente luminoso). Eles sequestram uma nave para forçar a libertação de palestinos.

Como é de costume em sua obra, Padilha não isenta ninguém de nenhum delito. Existe o delito da ação e existe o delito da negligência. Esse debate sobre falta de

isenção não elimina a riqueza interna de cada ator social em cena: todos têm sentimentos modulando suas escolhas e seus erros. Uma das maiores riquezas de “7 Dias Em Entebbe”, construído como um filme de estratégia à moda Costa-Gavras (o diretor de “Z”, cuja filmografia é adorada por Padilha), está no cuidado do diretor com os dramas humanos (psicológicos) de sequestradores, políticos e vítimas. É um jogo de War com peças vivas.

Há uma só figura em cena, cuja tessitura dramática parece mais horizontal (sem camadas): o ministro da Defesa de Israel, Shimon Peres, papel dado ao brilhante ator inglês Eddie Marsan. Essa suposta natureza unidimensional de Shimon vai caindo por terra conforme a montagem de Daniel Rezende vai se aprofundando na situação política e moral do governo de Israel, calçando-se no talento de Marsan.

É na edição de Rezende que Padilha estrutura o mais engenhoso dispositivo de “7 dias em Entebbe”: um balé que encena uma coreografia febril sobre tradição e modernidade, a partir das leis do povo israelense.

A câmera, taquicárdica, é guiada pela direção de fotografia de Lula Carvalho.

Divulgação



# Cassiana em dose dupla

Filha de Jovelina Pérola Negra grava audiovisual em locais emblemáticos do samba carioca

Por Affonso Nunes

Vinte anos depois de pisar no palco pela primeira vez, quase por acaso, Cassiana consolida sua trajetória artística com um projeto que homenageia tanto sua carreira quanto a me-

mória de sua mãe, a inesquecível Jovelina Pérola Negra. A cantora promove duas apresentações gratuitas na cidade para a gravação do audiovisual “Cassiana 20 Anos”.

Os shows serão realizados em locais carregados de forte simbolismo para o samba carioca. Nesta segunda (21), data em que Jovelina

na completaria 81 anos, Cassiana gravou a primeira parte do projeto no Mirante da Igreja da Penha em apresentação gratuita. Oito dias depois, no dia 29, a gravação se transfere para a quadra do Império Serrano, escola onde sua mãe desfilava na ala das baianas, com início às 20h, em novas apresentação com entrada franca.

Na Penha, Cassiana revisitou sucessos de Jovelina como “Feirinha da Pavuna”, “Menina Você Bebeu”, “Luz do Repente” e “Sorriso Aberto”. Já na quadra da escola de Madureira, o roteiro abraça clássicos do samba criados por imperianos ilustres como “Tendência” (Dona Ivone Lara e Jorge Aragão), “Será Que é Amor” (Arlindo Cruz, Babi e Júnior Dom) e “Mordomia” (Ari do Cavaco e Gracinha), canção imortalizada por Almir Guineto.

O projeto tem produção de Marcos Salles, veterano do samba que trabalhou em cinco dos oito discos de Jovelina e a dirigiu no teatro. Salles acompanha a tra-

“Acabei subindo no palco e cantando, mas não imaginava que ali era o início da minha carreira”

Cassiana

jetória de Cassiana desde 2005, quando a lançou no DVD “Raça Brasileira 20 Anos”. “Cassiana é uma herança da mãe, minha amiga Jovelina. Gosto muito da energia que ela leva pro palco e faz todo o povo cantar logo na primeira música. Cassiana tira a sandália, fica descalça e embala o partido alto na palma de mão, como gosta de pedir ao público. Com ela acontece como acontecia com a mãe:

deixa o palco fervendo”, ressalta o produtor.

A direção musical e os arranjos ficam por conta de Márcio Ricardo, completando uma equipe que busca equilibrar tradição e contemporaneidade. Para Cassiana, essa conexão com o público representa a essência de sua arte. “Tudo começou no Espírito Santo, num tributo à minha mãe. Acabei subindo no palco e cantando, mas não imaginava que ali era o início da minha carreira. Passei a frequentar as rodas do Cacique de Ramos, e, canta daqui, canta dali, fui botando a minha cara, o que, pra mim, foi extremamente necessário, porque quem faz o artista é a rua”, relembra a cantora.

Esse ensinamento se revela em sua performance que preza pelo contato e interação com o público. “Tem que ir pra rua, tem que pegar essa atmosfera da rua, rodeada pelo público, todo mundo marcando o ritmo na palma da mão. A palma da mão é imprescindível. Se faltar a palma da mão, tudo se encerra. Minha energia se esvai, tudo acaba, pois trata-se de uma troca”, explica Cassiana.

Contemplado pelo edital Fluxos Fluminense da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado, o projeto inclui uma contrapartida social: no mesmo dia 29, das 14h às 16h, o músico e luthier Márcio Vandelei ministra oficina gratuita de banjo na quadra do Império Serrano. Vandelei, referência no samba que integrou por anos as bandas de Beth Carvalho e Arlindo Cruz, oferece aos interessados a oportunidade de aprender técnicas do instrumento que revolucionou o mundo do samba quando o instrumento típico estadunidense ganhou uma versão com braço afinação de cavquinho. A inovação foi apresentada por Almir Guineto ainda nos anos 1970.

## SERVIÇO

### CASSIANA 20 ANOS

29/7, às 20h: quadra do Império Serrano (Av. Ministro Edgard Romero 114, Madureira).  
Entrada franca

Por Affonso Nunes

Uma conversa noturna entre Raul Seixas e Paulo Coelho no sítio da família do cantor em Dias d'Ávila, na Bahia, mudaria para sempre a trajetória do rock brasileiro. Era 1973, e a dupla desfrutava do sucesso de "Krig-ha, Bandolo!" quando o diálogo chegou ao texto sagrado hindu "Bhagavad-gita". Daquele momento nasceu, em menos de dez minutos, a letra completa de "Gita", canção que daria nome e tom místico ao álbum histórico lançado no ano seguinte. Agora, em celebração aos 80 anos do baiano, completados em 28 de junho, a Universal Music Brasil relança o disco no formato LP, numa edição especial prensada em vinil vermelho.

O álbum "Gita", de 1974, representa um marco na discografia de Raul Seixas e na música popular brasileira. Mais que um conjunto de canções, o trabalho foi o manifesto de uma nova proposta de organização social, a Sociedade Alternativa, que questionava autoridades e instituições em plena ditadura militar. A capa icônica, com Raul de guitarra e boina vermelhas, dedo em riste diante do microfone, projetava a imagem de líder guerrilheiro e guru que se consolidaria a partir dali.

O trabalho reúne doze faixas que orbitam em torno dos ideais da Sociedade Alternativa, desenhada a partir dos ensinamentos do ocultista britânico Aleister Crowley. Das doze composições, oito são parcerias oficiais de Raul e Paulo Coelho, embora o autor de "O Alquimista" reivindique a autoria solitária de "Medo da chuva". Todas convergem para a ideia central sintetizada nos versos que se tornaram lema: "Faze o que tu queres/ Pois é tudo da lei".

Apesar do núcleo místico e das ambições revolucionárias, o disco não abandona o humor ácido tão característico na obra do Maluco Beleza. Raul também não tinha qualquer intenção de criar manifestos herméticos para iniciados. Seu objetivo era alcançar o sucesso popular e comunicar com as massas. Como ele próprio declarou em entrevista de 1974: "Eu escolhi o caminho da música por ser o meio mais fácil de chegar ao povo. Abandonei o livro porque o Brasil não lê. Eu faço música comercial. Botei oitenta e cinco músicas na parada de sucesso e quero continuar botando".

Essa comunicação direta se manifesta já na abertura com "Super heróis", onde Raul decreta feriado em plena segunda-feira e desfila, em tom debochado, ídolos pop da época como Silvio Santos, Mequinho,



Raul Seixas (à direita) compôs com Paulo Coelho a maioria das canções de "Gita", o mais emblemático álbum da discografia de Raul Seixas

# O início, o fim e o meio

Universal Music Brasil lança edição especial de "Gita", prensada em vinil vermelho, no ano em que Raul Seixas completaria 80 anos



Émerson Fittipaldi e Pelé. "Medo da chuva" questiona a instituição do casamento, enquanto "As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor" - apontada pelo próprio

cantor como sua favorita no disco - combina rock'n'roll e raiz nordestina no estilo que se tornaria sua assinatura.

"Sociedade Alternativa" é síntese do tra-

balho, oscilando entre o épico e o nonsense. A faixa se tornou um dos símbolos de Raul e, mesmo com sua proposta revolucionária em tempos autoritários, ganhou clipe no "Fantástico" da TV Globo. Em 2013, reafirmou sua força quando Bruce Springsteen a cantou no Rock in Rio, demonstrando sua permanência no imaginário musical brasileiro.

"Trem das 7" fascina por sua linguagem interiorana que cresce em direção à imponência final, cruzando memórias da infância com referências apocalípticas. A ideia do bem e do mal de braços dados reflete a influência do ocultista Aleister Crowley (1875-1947). "S.O.S" dialoga com "Ouro de Tolo" na denúncia do vazio existencial da classe média, enquanto "Prelúdio" adapta um texto erroneamente atribuído a Cervantes sobre sonho e realidade.

O álbum se encerra com "Não pare na pista", composta na mesma viagem ao sítio onde nasceu "Gita", inspirada nas placas de estrada. A mensagem permanece atual: não ficar parado enquanto a vida e o mundo seguem velozes. Aos 80 anos de Raul Seixas, o chamado final da canção ressoa com a mesma urgência: "Meu bem, me dê a mão / Que eu vou te levar / Sem carro e sem medo / Pra outro lugar".

## LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

## Estado de exceção

**P**áginas escritas no século V a. C., o traidor é lido em “Arte da Guerra”, de Sun Tzu. Quem, primeiro, pensou o traidor foi Platão, imagem que surge na guerra [interna] da polis de “A República”. A marca do traidor é a do tirano, e, como traidor, o tirano inverte a ordem das coisas: o-que-é-não-é-e-o-que-não-é-é. O rosto serve-se da ambiguidade de ser-e-não-ser ao mesmo tempo.

Ilustração criada com a IA Imagen 4



Esse jogo político foi estetizado pelo doutor em Filosofia Joseph Goebbels, cuja propaganda esteve ao gosto de Adolf Hitler, propaganda afirmada, aliás, pelo conceito de identidade. A luta política de Hitler é identitária, isto é, em razão de afirmar “o que é” e “quem é”, essa luta afirma o “ser”, o que implica alimentar o que é oposto a ela: o inimigo. A identidade necessita de “o que não é ela”, necessita de seu oposto.

No entanto, caso não exista o inimigo, a identidade o inventa, já que a luta da política identitária, para se manter viva, rumina o “não-ser”, rumina o inimigo. Estranho à pátria porque não tem a nossa identidade, o inimigo pertence ao que está “fora” de nós; mas, este “fora”, a identidade o inventa a partir de “dentro” da pátria. A esse “fora-dentro”, Platão o chama de guerra familiar ou sedição, mais conhecida entre nós como guerra civil [stasis], guerra essa que é estado de exceção.

Um esclarecimento: exceção vem de “ex-capare”, que significa “capturada fora”, o que significa dizer que o estado de exceção é estado tirânico porque inventa o “fora” [o estranho] como rosto “dentro” da nação, em outras palavras, o rosto com que a nação se identifica é inimigo. O estado de exceção captura, pois, o inimigo [ou o “fora”] para “dentro” de nós, em síntese: quem é amigo [o dentro] torna-se inimigo [o fora]. O estado de exceção é o estado do paradoxo, onde, não havendo mais a clareza do “ser” ou a clareza de “o que é”, a violência impera.

A história da extrema direita é história da luta identitária, que, jogando “entre” ser-e-não-ser, inventa o inimigo. O tirano movimenta-se na fronteira, isto é, “entre” extremos, e o estado de exceção é um “entre”, espaço em que amigo-e-inimigo misturam-se. O tirano movimenta-se nesse espaço, no limiar dos opostos: “entre” a-força-bruta-do-corpo-e-a-força-discursiva-do-espírito. Lemos isso em “Mein Kampf”, onde a forma ambígua ou o paradoxo conduziu Hitler ao poder. O Terceiro Reich, um estado de exceção.

Reflexões  
pela  
rede

Livro póstumo reúne textos do mestre do horror Rubens Lucchetti, parceiro de Zé do Caixão

Por Ivan Finotti (Folhapress)

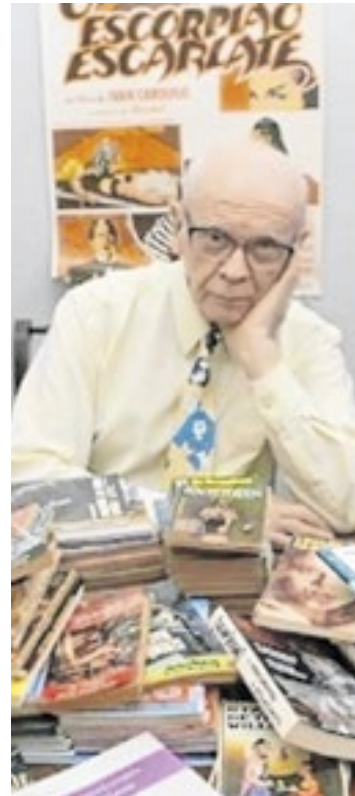
**T**endo morado a maior parte de sua vida no interior de São Paulo, não é de espantar que o escritor e roteirista Rubens Francisco Lucchetti, morto no ano passado, aos 94 anos, se sentisse intelectualmente solitário. Seus últimos 29 anos, em Jardinópolis, cidadezinha com menos de 50 mil habitantes, poderiam ter agravado essa condição. Em 2015, porém, Lucchetti - homem avesso a tecnologias e a novidades - conheceu e se rendeu ao Facebook.

“Ele sempre foi um cara muito fechado e muito tímido. Começou a perceber que a internet, de certa forma, dava uma coragem para ele, porque o pessoal comentava e ele se sentia fortalecido com isso”, afirma Rafael Spaca, pesquisador da vida e obra de Lucchetti. Assim, Spaca reuniu os textos mais importantes que o autor escreveu na rede social e lança “R.F. Lucchetti - Posts - Pensamentos e Relatos Intelectuais do Mestre do Horror”.

“O Facebook fez bem demais para Lucchetti. Ele não fazia conta de quanto era amado. A partir do momento em que entrou nas redes sociais, o que ele passou a receber de visita... Gente do Brasil inteiro, que queria conhecer ele pessoalmente, ir à casa dele. Foi incrível”, lembra o pesquisador.

Lucchetti era considerado o papa da “pulp fiction” nacional, dos livros baratos, e era conhecido também por ter escrito o roteiro de uma série de filmes de Ivan Cardoso e de José Mojica

Reprodução Facebook



**Através das redes sociais, Rubens Francisco Lucchetti vendia seus livros e compartilhava com os seguidores fatos curiosos de sua trajetória como escritor e roteirista**

Marins, o Zé do Caixão.

Escrevia desde ficção policial a romances eróticos, mas foi no horror que ele se destacou, sendo considerado um mestre desse gênero no Brasil. Em 2014, foi objeto de um perfil do New York Times com o título “Fábrica humana de ‘pulp fiction’ se torna um herói cult”.

Nessa época, contabilizou ter escrito 1.547 obras. Além de centenas de livros, muitas eram revisinhas de magia, receitas, interpretações de sonhos e horóscopos,

encomendadas por pequenas editoras, assinadas por uma variedade de pseudônimos.

No Facebook, Lucchetti vendia exemplares de suas obras e contava histórias curiosas de sua carreira. O livro traz posts em que o escritor lembra sua infância, o primeiro texto publicado em um jornal, quando tinha 12 anos, e teorias sobre o horror e as “pulp fictions” em geral.

Lucchetti também contava algumas coisas pela primeira vez. “Ali, ele verbalizava coisas que não costumava dizer”, diz Spaca. Uma dessas é um post lembrando uma ida ao cinema em 1974, para assistir “Exorcismo Negro”, de Mojica Marins, cujo roteiro era de sua autoria.

“Quando vi os créditos iniciais do filme e vi meu nome creditado apenas como coargumentista e meu roteiro ser creditado a um alienígena, a alguém que nunca soube o que é horror, falei para minha esposa: ‘Vamos embora!’. Deixei a sala espumando de raiva. Só diria que alguns picaretas sujam o meio. São vermes travestidos de produtores, diretores e editores. Moscas ainda têm certa serventia. Alimentam-se do lixo. Sem elas, as baratas e os ratos, o lixo já teria tomado conta da Terra. Agora, esses senhores não servem para nada. É tudo deprimente nesse filme.”

O projeto gráfico de “Posts” aproveita a estética pobre das “pulp fictions” e o papel usado no livro parece ser de jornal. A obra, vendida pela Amazon, é da editora Madrepêrola. Há posts com temas repetidos, mas o organizador justifica sua utilização.

“É para mostrar o quanto ele queria voltar naquele assunto e, às vezes, era quase a mesma versão, mas ele acrescentava uma ou duas linhas. Para ele, aquele assunto ainda não estava esgotado. Era uma forma de remoer. Ele tinha um pouco de mágoa de algumas coisas”, diz Spaca, que também é autor de outro livro sobre o escritor, “Conversações com R.F. Lucchetti”, de 2015.

A página Rubens Francisco Lucchetti segue no Facebook, atualmente alimentada pelo filho do roteirista, o também escritor Marco Aurélio Lucchetti.

Divulgação



*Renata Tassinari  
executa pinturas a óleo  
tanto na superfície  
externa quanto na  
interna dos objetos*

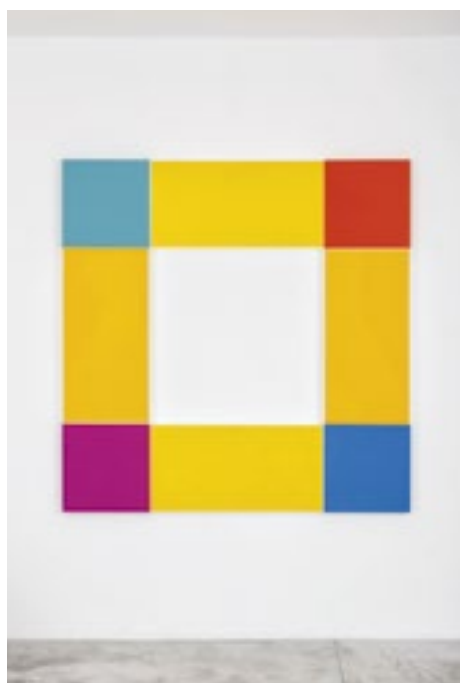
Renata Tassinari  
explora geometria  
e cor em caixas de  
acrílico em individual  
no CCBB RJ

# Nas frestas da criação



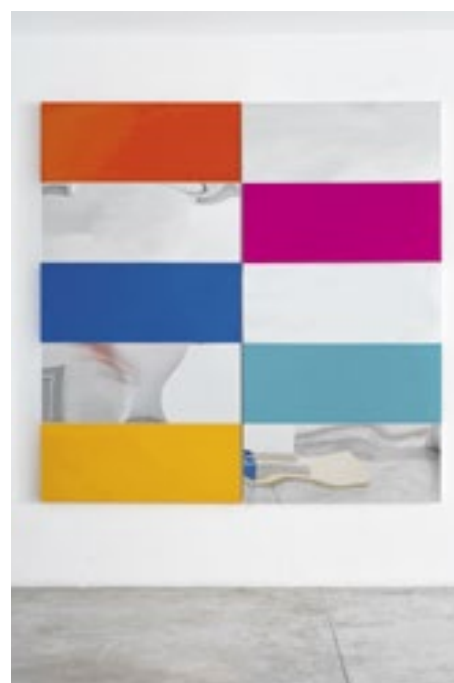
A artista Renata Tassinari apresenta no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ) a exposição “Frestas”, marcando quatro décadas de uma trajetória dedicada à investigação das fronteiras entre pintura e escultura. Com curadoria de Felipe Scovino, a mostra reúne trabalhos recentes e inéditos que consolidam uma pesquisa iniciada em 2002, quando a artista começou a explorar as possibilidades expressivas das caixas de acrílico.

As obras desafiam as convenções tradicionais da pintura ao utilizar estruturas tridimensionais que se projetam no espaço. Renata pinta tanto a superfície externa quanto interna das caixas, criando camadas cromáticas que dialogam com a arquitetura do ambiente. “Os trabalhos têm uma relação muito forte com a forma e com a cor, uma pesquisa que venho desenvolvendo há muitos anos. São pinturas, mas têm um caráter muito de objeto porque saem da parede e conversam com



o espaço”, explica a artista.

Seu processo criativo revela um rigor conceitual. Cada obra nasce de um



desenho prévio, onde cores e formatos são cuidadosamente planejados antes da construção das estruturas acrílicas. “É um

trabalho muito mental. Primeiro faço um desenho e depois mando executar no acrílico os formatos que quero. São feitos por partes, pinto todos por dentro e por fora e, quando estão prontos, monto diretamente na parede”, detalha a artista.

Tassinari incorporou aos trabalhos o acrílico espelhado, que cria reflexos distorcidos que remetem ao movimento da água, estabelecendo uma metáfora visual que se reflete nos títulos de obras como “Marola” e “Ultramar”. “Chamei alguns trabalhos de ‘Narciso’ por causa do espelho. O acrílico espelhado não é como um espelho no qual você vê exatamente a sua imagem, ela é distorcida. A cor entra como um elemento fixo e mais rígido e o acrílico espelhado com esse movimento, com essa estranheza”, esclarece.

Felipe Scovino, o curador observa que a cor nas obras corre. “Mesmo concentrada, adquirindo um certo grau de espessura, a cor deseja o movimento. A estrutura de acrílico, preenchida de cor, longilínea e quebradiça condiciona um deslocamento. Há decididamente a imagem metafórica de um rio”, argumenta. “Esta fluidez cromática contrasta com a rigidez geométrica das estruturas, criando uma tensão visual que caracteriza o trabalho da artista”, acrescenta.

A técnica empregada por Tassinari combina tradição e experimentação. Mantendo sua formação em pintura tradicional, ela utiliza tinta a óleo na superfície externa das caixas e acrílica no interior. “Venho de uma tradição de pintura na tela de muitos anos e gosto de usar o óleo, pois acho que as cores são mais interessantes, gosto da textura, ela tem mais corpo, acho que funciona melhor”, justifica a artista essa escolha que estabelece uma relação entre cor e brilho.

Os formatos das obras variam (horizontais, verticais, em L ou em cruz) e cada configuração explora diferentes possibilidades de diálogo com o ambiente arquitetônico. O curador destaca como essas configurações geométricas estabelecem uma relação cinética com o espectador. “Há esta ideia de fratura, da espera de uma espécie de complemento. A geometria, de alguma forma, se alimenta daquele espectador, há um certo grau cinético”, analisa Scovino.

## SERVIÇO

FRESTAS

CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66)  
Até 22/9, de terça a domingo (9h às 21h)| Entrada franca

CUMBUÇO | CE

TOUROS | RN

ECO RESORT DO CABO | PE



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES  
*destinos*  
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.  
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!



ALAGOAS | AL

MARES | BA

ECO RESORT DE ANGRA | RJ